

## O QUÊ E O PORQUÊ DO ENSINO DA METODOLOGIA ASSISTENCIAL EM ENFERMAGEM

Ana Shirley Valverde Meirelles \*

MEIRELLES, A.S.V. O quê e o porquê o ensino da metodologia assistencial em enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP, São Paulo, 21(nº/especial):55-61, 1987.*

O significado da palavra METODOLOGIA, cotejado em diversas fontes, informa-nos: Metodologia é uma palavra que vem do grego e significa “a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade”; “parte da lógica que estuda os métodos, especialmente os métodos das ciências”; “conjunto de procedimentos metódicos de uma ciência, cujo objetivo é garantir o uso cada vez mais eficaz das técnicas de procedimentos de que dispõe”.

O termo MÉTODO tem dois significados fundamentais:

- 1º) — toda pesquisa, ou orientação de pesquisa;
- 2º) — uma técnica particular de pesquisa.

O primeiro significado não se distingue de *investigação* ou *doutrina*. O segundo significado é mais restrito e indica um *procedimento de investigação ordenado, repetível e auto-corrigível que garanta a obtenção de resultados válidos*. No uso moderno e contemporâneo, prevalece o segundo significado que orienta no sentido de: caminho pelo qual se chega a um determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão de modo deliberado e refletido. — Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado.

Encareço aos presentes relevarem a aridez dessas palavras iniciais, por certo do conhecimento de todos. Contudo apoiiei-me nelas para atender ao apelo do tema e ao honroso convite que recebi para participar desta Mesa Redonda com uma abordagem sobre a *evolução do ensino da Metodologia da Assistência, na Escola Ana Neri*.

A Escola Ana Neri, fundada em 1923, logrou introduzir a enfermagem científica no Brasil. Vale mencionar a participação de Carlos Chagas que, com uma clara visão das possibilidades no futuro desenvolvimento da profissão de enfermeira no Brasil, diligenciou no sentido de fundar uma escola que deveria ser estabelecida de acordo com os mais elevados e reconhecidos padrões do mundo. Referimo-nos à enfermagem em moldes “*nightingalianos*” que nos foi legada através do modelo norte-americano.

\* Professor Adjunto da Escola de Enfermagem Ana Neri, Disciplinas Fundamentos de Enfermagem e História da Enfermagem. UFRJ.

O modelo norte-americano do Sistema Nightingale trazido para nós conservava as características fundamentais de sua idealizadora, e como tal enfatizava a importância da educação para a profissão, em contrapartida aos simples treinamentos até então utilizados no preparo do pessoal de enfermagem em nosso país.

Se examinarmos o Programa da Escola de Enfermagem fundada por Florence Nightingale no Hospital St. Thomas, em 1860, identificaremos com facilidade, preceitos científicos que eram defendidos em prol da independência profissional.

As bases científicas da enfermagem foram, àquela época, definitivamente lançadas!

Não é surpreendente afirmar que a Escola de Enfermagem Ana Neri seguisse os mesmos preceitos científicos e o mesmo processo de formação para suas alunas. O Relatório escrito por Ethel Parsons (e por isso, conhecido com o nome de sua autora) enfoca a enfermagem moderna no Brasil e dá o testemunho das atividades desenvolvidas pela Escola, no processo de formação de suas alunas nos quatro primeiros anos de existência. Embora não haja explicitamente referido *Metodologia Científica* é possível identificar situações de ensino-aprendizagem estreitamente vinculadas com procedimentos metodológicos que visavam garantir a eficácia dos procedimentos utilizados em prol da assistência de enfermagem.

As alunas era ensinado, e a elas era cobrado, *identificar e relatar inteligentemente, sintomas e condições dos pacientes; prestar cuidados aos doentes no hospital e nos domicílios; ensinar aos doentes e suas famílias os princípios de prevenção das doenças e de uma vida sadia, aprovados pelas mais científicas descobertas modernas.*

A mola propulsora dessa cadeia de atividades não poderia, por certo, ser outra que não a OBSERVAÇÃO tão enfatizada por Florence Nightingale, e reconhecida hoje como o ponto de partida do método científico, embora não tão sistematicamente abordado naquela época.

Em 1934, a Escola de Enfermagem Ana Neri divulgou seu Estatuto, em cujo preâmbulo consta uma citação do Dr. Carlos Chagas: "Não só abnegação e piedade exige agora o delicado mister de cuidar de enfermos; exige ainda conhecimentos técnicos exatos que habilitem a providências urgentes na ocorrência de incidentes imprevistos e que facultem o desempenho consciente da alta missão de enfermeira". O Estatuto refere ainda a estreita correlação entre a teoria e a prática durante o Curso, que "é baseado nos mais modernos e reconhecidos métodos de ensino". O ensino teórico "é administrado em salas de aula, de demonstrações, de conferências, laboratórios de dietética e de ciências; o ensino prático é realizado em enfermarias, dispensários e nos domicílios, sob a supervisão de enfermeiras que proporcionam instrução individual". O detalhamento do Programa Teórico explicita objetivos gerais para cada Disciplina, nos quais é possível identificar o preparo para por em prática etapas sucessivas de uma *metodologia assistencial*.

Em 1933 foi concluída a impressão do livro *Technica de Enfermagem* de autoria de Zaira Cintra Vidal, que serviu de orientação aos *procedimentos técnicos* que as alunas da Escola deveriam executar. *Procedimentos metodológicos?* Creio que sim. No prefácio desse livro, Rachel Haddock Lobo diz que “a evolução moderna de quase todas as profissões é a técnica científica e a ela poder-se-ia denominar Theoria da prática científica”. E a própria autora introduz o assunto, informando que procurou descrever a técnica de enfermagem moderna observando seus princípios e objetivos. O manuseio dessa obra nos permite depreender um comportamento metodológico embora não explicitamente denunciado.

Em 1937 a Escola Ana Neri, até então do Departamento Nacional de Saúde Pública, passa para os domínios da Universidade do Brasil, situação que foi ratificada em 1946 quando ocupou posição de igualdade com as demais unidades da Universidade. A posição de integrar uma Universidade reforça a necessidade de manter o compromisso com a ciência e com o fazer científico da profissão.

Em 1948, outro Manual de Técnica de Enfermagem circulava entre as alunas da Escola Ana Neri. Dessa feita, a autora era Elvira de Felice Souza, que acrescentou ao texto novo material, de acordo com as novas conquistas no terreno científico. Em 1957, o referido manual teve sua *primeira edição* e na *quarta edição* de 1966, incluía o tema Plano de Cuidados de Enfermagem.

O capítulo específico para o tema apresentava as finalidades (ou objetivos) do plano, os requisitos para sua elaboração, a importância da observação direta e indireta, sistematizada ou não, a avaliação contínua do mesmo para os ajustes que se fizessem necessários na assistência ao paciente como um ser global. Tudo compatível com os passos de uma Metodologia Científica, embora não tão explicitamente declarado e ordenado, mas facilmente identificado, diante de uma análise atenta e imparcial.

A década de 60 é notadamente marcada pela preocupação e pelo empenho de garantir a enfermagem como uma profissão científica, dentro da equipe de saúde e no contexto social. Esse “estado de coisas” ou “de ânimos” apresentou-se no Brasil e em outros países, também.

Houve, digamos assim, uma verdadeira explosão de exploração do uso da Metodologia Científica na Assistência. Alguns trabalhos foram publicados, enfatizando esse aspecto e os programas educacionais de algumas escolas o incorporaram, sem contudo lograrem vê-lo operacionalizado na prática.

A década de 70 deu prosseguimento ao empenho e o XXIII Congresso Brasileiro de Enfermagem incluía em seu Temário Oficial, o assunto “da moda”: — O PRINCÍPIO DA INVESTIGAÇÃO E O PROCESSO DA OBSERVAÇÃO SISTEMATIZADA NA ENFERMAGEM. Quatro Estados estiveram representados naquele Simpósio: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Bahia através do pronunciamento de eminentes enfermeiras de ensino e de serviço.

A essa altura, o uso de Metodologia Científica na Assistência de Enfermagem era naturalmente identificado ou confundido com o emprego do Processo de Enfermagem. A identificação (ou confusão) é perfeitamente cabível e aceitável, *considerando* que outra vez, cotejando o significado, temos:

Processo: palavra de origem latina que significa “*maneira de agir ou de operar*”; concatenação de eventos; método...” e considerando ainda que a maneira de agir da enfermagem e seus eventos próprios só deveriam ser explicados e realizados com a adoção de método científico.

Sem favor ou receio posso afirmar que, no Brasil o nome de destaque nessa fase de reafirmação científica da enfermagem é o de Wanda Horta. A par de não estar fazendo nenhuma afirmação nova, não é nossa pretensão, nem nossa tarefa aqui, analisar o trabalho da mestra.

Em 1972 a Escola Ana Neri instituiu o 1º Curso de Mestrado em Enfermagem no Brasil. Sempre atenta ao compromisso com o preparo científico de seus alunos, nossa Escola convidou a professora Wanda Horta para integrar o elenco de professores que ministrariam o curso. Não poderia a Escola ter feito escolha melhor. De lei e de fato era a professora Wanda Horta a pessoa preparada para estimular e orientar as mestrandas para o novo desempenho profissional científico que garantiria a segurança e a independência do exercício.

A abordagem curricular da professora permitia e encorajava as alunas descobrir novos enfoques na condução da assistência de enfermagem dentro de uma proposta metodológica científica e sistematizada.

Foi uma época de grande e positiva efervescência científica! A turma pioneira logo começou a repassar aos estudantes de graduação, o modelo Wanda Horta.

As aulas mestras já começavam a mostrar indícios de crescimento e aprimoramento. Assim, a partir daí foi instituído, na Escola Ana Neri, o ensino de uma Metodologia Assistencial, segundo Wanda Horta.

Vale ressaltar porém, que logo de saída foi introduzida uma adaptação, ou melhor, simplificação, no que respeita à determinação do Diagnóstico. O trato com a questão da Dependência mostrou ser complexa a atribuição dos Graus 1, 2, 3, e 4, além de ser também passível de imprecisão. Ademais, não haveria prejuízo para o Processo como um todo e a proposta de eliminação da gradação foi oficialmente colocada com a publicação pela ABEn — Seção Guanabara — do livro “Iniciamento à Metodologia do Processo de Enfermagem” de autoria de três alunas da 1ª Turma de Mestrado, e tem no prefácio da mestra Wanda Horta a confirmação da aceitação:

“... O lavrador prepara a terra e semeia. Sente-se feliz ao ver as sementes brotarem e crescerem. Assim, o professor que vive e acredita na mensagem que procura transmitir é gratificado ao ver seus alunos receberem, viverem e acreditarem nela. Maravilha-se ao vê-la retornar a si ainda mais rica, acrescida de elaboração criativa. E ele aprende com seus alunos.”

Esse ir e vir e essa troca de energia aluno-professor estão evidenciadas nesse trabalho. As autoras viveram e aplicaram o *processo de enfermagem* e fizeram muito mais, elaboraram um método prático e eficiente de transmiti-lo a estudantes e colegas...

Durante algum tempo, o ensino teórico e o prático da Metodologia Assistencial, na Escola Ana Neri, esteve apoiado na proposta de Wanda Horta, com a simplificação retro-referida, em especial na Disciplina Fundamentos de Enfermagem.

Um dos grandes problemas enfrentados foi o fato de os campos de prática ainda não adotarem nenhum tipo de Processo de Enfermagem. Algumas vezes tínhamos que tentar implantá-lo junto com as Enfermeiras da Instituição; outras vezes tínhamos que trabalhar com prontuário paralelo.

A influência de Wanda Horta se fez sentir na Escola Ana Neri, em outras escolas do país e em várias instituições de saúde que a convidavam (e ela aceitava sempre) para ensinar a nova maneira de fazer assistência de enfermagem. Assim, começaram a surgir novas adaptações e propostas metodológicas que também ecoaram na Escola Ana Neri. O intuito era simplificar, para acelerar a "adoção unânime" de uma Metodologia Assistencial da Enfermagem. No meu entender, as simplificações muitas vezes resultaram em complicações e alterações que serviram para fortalecer alguns mitos existentes na profissão, como falta de tempo e falta de pessoal, denunciados aliás pela própria Wanda Horta.

A liberdade científica é permitida e até estimulada na Escola Ana Neri! E, como não houve constatação da pertinência ou necessidade de adoção de um caminho único para emprego de Metodologia Científica, ao longo do Curso de Graduação começaram a aparecer enfoques distintos sobre o assunto. Todos emergentes ao trato com outras autoras, algumas das quais discípulas de Wanda Horta.

Outro fato que determinou a modificação do desenho metodológico ensinado aos estudantes, e por eles executados, foi a atuação em cenários de práticas que utilizavam outras abordagens. Como por exemplo podemos citar o Hospital Universitário da UFRJ. Assim, tornou-se necessário adaptar a orientação curricular ao modelo institucional.

Nos últimos cinco anos, a partir da adoção de nova estratégia curricular na E. A. N., fica mais patente a necessidade da adaptação referida, quer pelo fato do modelo institucional existente, quer pelo atendimento a situações diversificadas da prática que orienta o preparo do estudante de Graduação.

A seguir, apresentaremos de maneira sucinta, a forma que está sendo utilizada no preparo dos estudantes para o agir metodológico da assistência de enfermagem:

A) nos 03 primeiros períodos (básico), os estudantes são orientados para o trabalho em comunidades supostamente sadias (escolas, cre-

ches, grupo de trabalhadores, etc) e utilizam o Método Científico para Resolução de Problemas e Relação de Ajuda;

B) no 4º período, os estudantes atuam pela primeira vez no cenário hospitalar de Maternidade e aí recebem a primeira aula formal de Metodologia Científica na Assistência de Enfermagem. O modelo ensinado é o do Processo de Enfermagem segundo Wanda Horta com a simplificação na etapa do Diagnóstico no que tange à Dependência, e com a supressão do Plano Assistencial num raciocínio de que ao invés de partir do geral para o particular (Pl. de Cuidados Diários), partimos do particular para o geral (Pl. Assistencial) obtendo-se resultado semelhante.

Nessa oportunidade são apresentados aos estudantes outros modelos existentes bem como bibliografia básica sobre o assunto. Os campos de prática utilizados até agora para esse estágio curricular não têm modelo institucionalizado o que nos remete para a situação de prontuário paralelo;

C) ainda no 4º período, surge a oportunidade de atuar na área de Saúde Pública em Centros de Saúde. Nessa fase as professoras utilizam o modelo Wanda Horta, simplificado mais o modelo Tapia;

D) no 5º e 6º períodos, as experiências de ensino/aprendizagem são desenvolvidas no cenário próprio da Enfermagem médico-cirúrgica, ou seja o Hospital. E, nesse caso específico utilizamos o Hospital Universitário que adota uma adaptação do Sistema Weed — o Prontuário Orientado por Problemas, o que nos leva a trabalhar com o modelo institucionalizado.

Nessa fase, os estudantes elaboram *estudos de caso* e lhes é permitido apresentar outras abordagens, desde que fundamentados em estudo independente sobre o assunto;

E) no 7º período, o Currículo orienta para a assistência a pessoas com dificuldades de integração e a seleção dos campos de estágio prioriza ambientes onde haja agrupamentos de pessoas com dificuldades de integração das mais diversas naturezas. Dessa forma, os estudantes experimentam situações de ensino-aprendizagem junto a deficientes físicos, auditivos, visuais, mentais e emocionais, o que constitui uma novidade curricular. Nessa fase a metodologia assenta-se no atendimento das necessidades humanas básicas e na Relação de Ajuda. Os estudantes elaboram *estudos de casos* que devem conter também a fundamentação teórica para a prestação da assistência;

F) no 8º período, os estudantes desenvolveram experiências de "seniorato" junto a colegas juniores. Nessa situação, eles retornam aos cenários de prática já vivenciados, só que agora no papel de orientadores, supervisores e facilitadores da aprendizagem dos colegas menos experientes. Dessa forma, utilizam o modelo assistencial adotado nas fases anteriores.

Acontece nesse período a ocasião de vivenciar também situações específicas referentes às habilitações. É então o momento de acompanhar o modelo assistencial da instituição onde se realiza a prática, ou utilizar a liberdade científica embasada em conhecimentos adquiridos ao longo do Curso.

Vale ressaltar aqui que são muitos os problemas para levar a efeito, no ensino de Metodologia Assistencial de Enfermagem, um modelo academicamente definido e defendido. Porém o esforço da Escola Ana Neri repousa no sentido de, em qualquer situação, manter as 03 fases imprescindíveis para o agir científico da assistência, quais sejam:

- a INVESTIGAÇÃO
- a INTERVENÇÃO
- a AVALIAÇÃO

independente do modelo proposto.

Estamos hoje, na Escola Ana Neri, numa postura digamos “ecumênica” no trato do assunto. Contudo estamos cientes e conscientes da presença de Wanda Horta.

Relendo este trabalho, para concluí-lo, ocorreu-me uma citação de Marco Polo:

“Não contei metade do que vi ou do que fiz.”

e pensei: *talvez* não tenha contado tudo o que a Escola Ana Neri viu ou fez em prol do preparo de seus alunos para um desempenho profissional efetivamente científico; *talvez* não tenha contado tudo que Wanda Horta fez no sentido de ajudar a Escola Ana Neri nesse mister...

E aí, recordo que Florence Nightingale desaconselhava suas discípulas a alardear seus efeitos e empenharem-se em seus propósitos. Em matéria de propósitos a Escola Ana Neri mantém um compromisso sério com a formação de enfermeiros e com a saúde do povo do Brasil.

Espero ter colaborado para a consecução dos objetivos do Tema desta manhã e reitero meu agradecimento pela oportunidade lisonjeira e gratificante de participar da Semana Wanda Horta.